

PRESENÇA DO ACOMPANHANTE NA PERSPECTIVA DA MULHER DURANTE O TRABALHO DE PARTO, PARTO E PÓS-PARTO

PRESENCE OF A COMPANION FROM THE PERSPECTIVE OF THE WOMAN DURING LABOR, BIRTH, AND POSTPARTUM

PRESENCIA DEL ACOMPAÑANTE DESDE LA PERSPECTIVA DE LA MUJER DURANTE EL PARTO, EL PARTO Y EL POSTPARTO

Fernanda Moerbeck Cardoso Mazzetto¹, Taynara Bernardo de Mattos², Fernanda Paula Cerântola Siqueira³, Maria de Lourdes da Silva Marques Ferreira⁴

RESUMO

Objetivo: Compreender, na percepção da puérpera, o significado da presença do acompanhante durante o trabalho de parto, parto e pós-parto. **Método:** Estudo qualitativo, com a utilização da fenomenologia, realizado com oito puérperas. **Resultados:** Na percepção das puérperas, a presença do acompanhante gera segurança, apoio e divisão do momento com alguém; confiança, com apoio físico e emocional; fortalecimento da relação familiar; acolhida positiva e negativa do acompanhante pela equipe de saúde; busca de informações sobre o direito do acompanhante; despreparo para o parto. **Considerações finais:** A presença do acompanhante, na perspectiva da mulher, garante apoio físico e emocional e, ainda, fortalece a relação familiar. Os acompanhantes são acolhidos pela equipe de saúde, mas, em contrapartida, estes ainda não valorizam a importância da presença daqueles. É preciso refletir sobre o desafio de garantir a presença de acompanhante e a preparação da mulher grávida para o parto humanizado.

Descritores: Saúde da Mulher; Enfermagem Obstétrica; Trabalho de Parto; Parto; Puerpério.

ABSTRACT

Objective: To understand, from the puerperal woman's perception, the meaning of the presence of a companion during labor, delivery, and postpartum. **Method:** A qualitative study was conducted with eight postpartum women using the phenomenology method. **Results:** From the puerperal women's perception, the presence of the companion generates security, support, and sharing the moment with someone; confidence, with physical and emotional support; strengthens the family relationship; generates positive and negative reception by the health team; leads to the search for

information about the right to have a companion; and reveals unpreparedness for childbirth. **Final considerations:** The presence of a companion, from the woman's perspective, guarantees physical and emotional support and strengthens the family relationship. The health team welcomes the companions but, on the other hand, still does not value the importance of the companion's presence. It is necessary to reflect on the challenge of ensuring a companion's presence and the pregnant woman's preparation for a humanized delivery.

Descriptors: Women's health; Obstetric Nursing; Labor; Childbirth; Puerperium.

RESUMEN

Objetivo: Comprender, desde la percepción de la puérpera, el significado de la presencia de un acompañante durante el trabajo de parto, parto y puerperio. **Método:** Se realizó un estudio cualitativo con ocho puérperas utilizando el método fenomenológico. **Resultados:** Desde la percepción de las puérperas, la presencia del acompañante genera seguridad, apoyo y compartir el momento con alguien; confianza, con apoyo físico y emocional; fortalece la relación familiar; genera acogida positiva y negativa por parte del equipo de salud; conduce a la búsqueda de información sobre el derecho del acompañante; y revela falta de preparación para el parto. **Consideraciones finales:** La presencia de un acompañante, desde la perspectiva de la mujer, garantiza apoyo físico y emocional y fortalece la relación familiar. El equipo de salud acoge a los acompañantes, pero, por otro lado, todavía no valora la importancia de la presencia del acompañante. Es necesario reflexionar sobre el desafío de asegurar la presencia del acompañante y la preparación de la gestante para un parto humanizado.

Descriptores: Salud de la mujer; Enfermería Obstétrica; Trabajo de Parto; Parto; Puerperio.

^{1,2,3}Faculdade de Medicina de Marília/FAMEMA. Marília (SP), Brasil. ¹<https://orcid.org/0000-0001-9276-219X>

²<https://orcid.org/0000-0002-8575-8114> ³<https://orcid.org/0000-0002-9331-7685>

⁴Faculdade de Medicina de Botucatu/UNESP. Botucatu (SP), Brasil. ⁴<https://orcid.org/0000-0002-5457-4056>

*Artigo extraído do Trabalho de Conclusão de Curso, Presença do acompanhante na perspectiva da mulher no nascimento. Faculdade de Medicina de Marília/FAMEMA, 2020.

Como citar este artigo

Mazetto FMC, Mattos TB, Siqueira FPC, Ferreira MLSM. Presença do acompanhante na perspectiva da mulher durante o trabalho de parto, parto e pós-parto. Rev Enferm UFPE on line. 2022;16:e252582 DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963.2022.252582>

INTRODUÇÃO

A partir do século XX, o parto começou a ser institucionalizado em contexto mundial, deixando o ambiente da família para ser realizado no hospital e, então, o conhecimento científico ganhou evidência. Neste contexto, a institucionalização do parto gerou o agravamento das violências perpetradas contra as mulheres grávidas e parturientes, tendo em vista fatores como a condição de superioridade do “saber” médico sobreposta às necessidades das mulheres, bem como a utilização indiscriminada de procedimentos causadores de sofrimentos físicos e psíquicos em parturientes e neonatos¹.

Com a mudança, ocorreu o fortalecimento das medidas intervencionistas, levando a parturiente a ser cuidada apenas na esfera fisiológica, o que a tornou passiva na fase de trabalho de parto e parto, excluindo a presença de familiares. Assim modificações nas práticas assistenciais vigentes são necessárias, visando reduzir as intervenções desnecessárias e as violações aos direitos das mulheres².

Para uma prática de saúde mais humanizada, o Ministério da Saúde do Brasil implantou, a partir de 1984, o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM), com objetivo de promover os direitos das mulheres e a melhor qualidade de vida para elas. Com isso, em 2005, houve a aprovação da Lei n.º 11.108 que garante, no Sistema Único de Saúde (SUS) e nos conveniados, que a mulher tenha direito a um acompanhante de sua escolha durante o trabalho de parto, no parto e pós-parto.

A Lei Federal nº 11.108, de 07 de abril de 2005, permite às gestantes o direito a um acompanhante durante o período de trabalho de parto, parto e pós-parto, escolhido por ela. Todavia, também é direito da gestante não ter acompanhante³.

Ressalta-se que, na atenção às mulheres, na fase do ciclo grávido puerperal, a presença do acompanhante escolhido por ela é fundamental para o apoio emocional, físico, de segurança e acolhimento, em decorrência das modificações morfofisiológicas e psicoemocionais experienciadas pela grávida. O acompanhante lhe traz benefícios múltiplos, pois a maternidade reveste-se de diversos significados para cada família e pode simbolizar reaproximação ou, por exemplo, iniciar um novo ciclo⁴.

Para além da garantia do direito ao acompanhante, os benefícios de estar acompanhada no processo de parto e nascimento promovem sentimentos de segurança e confiança. Esses auxílios impactam não somente no processo fisiológico da evolução do parto, como também no fortalecimento dos vínculos familiares, ao garantir a aproximação e o contato do acompanhante com a mulher e o bebê, logo após o nascimento. É importante, pois, que a mulher reconheça o

acompanhante como ator social no processo de parto e nascimento e, de forma empoderada, solicite o cumprimento de seus direitos durante esse período específico⁵.

Do exposto, é oportuna a realização de estudos que contribuam com a assistência qualificada à mulher grávida, ao acompanhante e à família. Destarte, questiona-se: qual a percepção da puérpera em relação ao fato de ter acompanhante durante o parto, trabalho de parto e pós-parto?

OBJETIVO

Compreender, na percepção da puérpera, o significado da presença do acompanhante durante o trabalho de parto, parto e pós-parto.

MÉTODO

Trata-se de estudo de campo, descritivo e com abordagem qualitativa, realizado em uma unidade obstétrica do Departamento de Atenção à Saúde Materno-Infantil, de referência à gestação de alto risco, no interior paulista.

As participantes do estudo foram oito puérperas, atendidas durante o trabalho de parto, parto e pós-parto, com a presença de acompanhantes. O critério de exclusão envolveu puérperas que não apresentaram condições psicológicas e cognitivas para participarem da entrevista, observados durante a execução da coleta de dados.

No início de cada entrevista, previamente agendada, solicitaram-se às participantes a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), em caso de puérperas com faixa etária menor de 18 anos. Ademais, requereu-se a autorização para gravação da entrevista, por meio de gravador.

As entrevistas foram realizadas com base em instrumento composto por dados sociodemográficos, antecedentes gineco-obstétricos, hábitos de vida, antecedentes de morbidade, questões relacionadas ao perfil dos acompanhantes das mulheres e perguntas norteadoras referentes à percepção da puérpera sobre a presença do acompanhante no momento do trabalho de parto, nascimento e pós-parto, além das relacionadas à participação dela e do acompanhante em programas de preparação para o parto, oferecidos pela rede de atenção básica. Indagou-se, ainda, a forma do acolhido do acompanhante pela equipe de saúde, a necessidade da presença do acompanhante no ciclo grávido puerperal e, se a presença favorecia o vínculo do binômio.

Para análise, adotou-se o método da psicologia fenomenológica empírica, com finalidade de estabelecer a compreensão dos dados coletados, confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e/ou responder às questões formuladas, ampliando o conhecimento sobre o assunto pesquisado em articulação ao contexto cultural do qual faz parte⁶.

Esse tipo de método sonda o que foi vivido pelos colaboradores e se desenvolve em quatro etapas: contato inicial com a vivência do entrevistado, reflexão acerca do exposto pela dupla, pesquisa complementar, abrangendo outras teorias e, por fim, diálogo contínuo com outros pesquisadores até que se obtenha o suficiente a respeito do tema em questão⁷. As etapas foram desenvolvidas durante o desenvolvimento do estudo, com objetivo de compreender o que significou na percepção da puérpera, ter a presença do acompanhante durante o trabalho de parto, parto e pós-parto.

Para manter o anonimato, as participantes foram denominadas pela letra “P” (participante) e um numeral cardinal, de acordo com a ordem das entrevistas. O estudo obedeceu às diretrizes das Resoluções 466/12 e 580/ 2018, ambas do Conselho Nacional de Saúde (CNS), sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos da Faculdade de Medicina de Marília (FAMEMA), conforme parecer 3.618.459.

RESULTADOS

As participantes tinham idades entre 17 e 42 anos, sendo a média de 27 anos. Quatro se declaram brancas, três pardas e uma preta. A religião católica foi referida por quatro das participantes, assim como a religião evangélica. Metade das participantes concluíram o ensino médio e eram casadas.

Referente aos dados obstétricos, quatro tiveram de uma a duas gestações, três apenas um parto e, igual número, de dois a três partos. Três participantes sofreram aborto. Todas realizaram o pré-natal, com seis ou mais consultas e sem intercorrências. Não houve participação das participantes em cursos e/ou palestras sobre o parto. Apenas uma foi orientada sobre a presença do acompanhante no processo parturitivo. A instrução ocorreu durante a internação hospitalar.

No que diz respeito ao tipo de parto, sete realizaram parto cesáreo. Concernente às comorbidades, seis das participantes não possuíam doenças crônicas (75,0%). As doenças crônicas referidas foram hipertensão arterial, obesidade, doenças cardíacas, além de outras comorbidades (endometriose e trombofilia).

A respeito dos acompanhantes, a faixa etária predominante foi entre 30 e 35 anos. Os acompanhantes, em sua maioria, eram católicos e cinco concluíram o ensino médio. Com relação ao estado civil, quatro eram casados. Também, nenhum acompanhante participou de cursos e/ou palestras sobre preparação para o parto.

A partir das transcrições e análise das entrevistas com as participantes, emergiram seis categorias temáticas: 1. Segurança, apoio e divisão do momento com alguém; 2. Confiança, com apoio físico e emocional; 3. Fortalecimento da relação familiar; 4. Acolhida positiva e negativa do

acompanhante pela equipe de saúde; 5. Busca de informações sobre o direito do acompanhante; e 6. Despreparo para o parto.

Segurança, apoio e divisão do momento com alguém

As participantes escolheram o acompanhante para sentirem-se seguras no momento do parto. O acompanhante, na maioria das vezes, era o pai da criança e desejou estar ao lado da companheira, assim como assistir ao parto e nascimento do filho. As mulheres referiram que, em outras gravidezes, realizaram o pré-natal e relataram que sentiam desejo que os companheiros estivessem com ela nesta ocasião. Reconheceram que, nas gestações anteriores, não tiveram os acompanhantes ao lado no momento, por não ser autorizada a permanência destes pelo serviço. Algumas mulheres escolheram pessoas com vínculo familiar, nas quais depositavam confiança para exercerem a função de acompanhante. Outras participantes referiram não saber dos direitos quanto ao acompanhante ao lado, no momento parturitivo.

Os acompanhantes, segundo elas, transmitiram segurança, apoio físico e emocional. Referiram, quando o parto foi cesáreo, que não dariam conta do autocuidado e cuidado com o bebê e, por isso, pediam a permanência do acompanhante ao lado delas. As mulheres admitiram que os acompanhantes transmitiram tranquilidade nesse momento sensível e dependente de cuidados, em que estavam anestesiadas e não queriam ficar sozinhas.

A partir do nascimento e com as mudanças emocionais/físicas, precisam de ajuda para cuidarem do bebê e, quase sempre, faltam a elas habilidades e conhecimentos para esses cuidados. Assim, ao se sentirem acompanhadas, apresentam força e coragem para viver essa fase.

[...] me senti segura, porque ele é o pai da minha filha, ele queria assistir ao parto e tenho direito a isso. Do outro, não podia (P1).

[...] a gente sempre quis outra gravidez, aí, nessa participei do pré-natal e sempre quis que ele assistisse ao parto (P1, P2, P3).

[...] não fiquei sabendo de nada, minha mãe que ficou sabendo, não sabia que podia ter acompanhante.

[...] eu não escolhi ninguém. Ela que foi por vontade (P4).

Sim, porque ele me ajuda, fiz cesárea, não posso ficar levantando e ele pega a neném e faz as coisas para mim. Isso me dá tranquilidade (P1, P2, P3, P5 P6, P7, P8).

Confiança, com apoio físico e emocional

As mulheres relataram confiança com a presença do acompanhante no momento do trabalho de parto, parto e pós-parto, proporcionando segurança e tranquilidade. Relataram que o sentimento foi de felicidade e incentivo, por saberem que os acompanhantes estavam de prontidão ao lado delas. Verbalizaram, também, que, por terem realizado parto cesáreo, necessitavam, naquele momento, de ajuda para o autocuidado e cuidado do bebê. Referiram sentimento de impotência,

por estarem com limitações físicas, devido à cirurgia, aos procedimentos anestésicos e, com isso, dependiam de alguém para ajudá-las naquele momento, mas que a ajuda e o apoio fortaleceram o relacionamento conjugal.

Significou tudo. Se não fosse ela, nem sei como seria, como ia reagir. Me senti segura, porque acho que seria incapaz sozinha (P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8).

Foi muito importante para o casamento. Se tivesse sozinha lá naquela sala, ia ser pior, estava com medo [...] a gente fica com medo, insegura e alguém do lado sempre é um suporte. O primeiro parto ele não pôde assistir (P1, P2, P4, P7).

Fortalecimento da relação familiar

Para as participantes, a presença do acompanhante muito significou junto ao binômio, com fortalecimento do relacionamento familiar, com o marido e/ou integrante da família. Relataram que o acompanhamento melhorou a relação conjugal, proporcionou conforto e apoio. Algumas mulheres mencionaram que não tinham noção sobre o autocuidado e cuidado com o bebê e, desta forma, com o acompanhante, sentiram-se mais seguras para esses cuidados. Algumas reconheceram que, pelo fato de terem sido submetidas ao parto cesáreo, precisavam de muita ajuda para os cuidados de forma geral.

[...] sendo meu marido, ao meu lado, é importante para o casamento, para a minha filha, para a relação. Se não, estaria sozinha, sem um pai. A presença dele traz segurança, conforto, me ajuda (P1, P3, P4, P5, P6, P7, P8).

É para ajudar, ter vínculo com o bebê, porque não posso fazer esforço... No meu estado físico. Me sinto segura, consigo ficar mais tranquila porque tem alguém para me ajudar (P2).

Acolhida positiva ou negativa do acompanhante pela equipe de saúde

As mulheres referiram que a equipe de saúde acolheu positiva e negativamente a presença do acompanhante. Antes do nascimento, elas sofreram momentos de espera para liberação de leitos, mas, em seguida, sentiram-se bem acolhidas. Algumas participantes relataram que a equipe de saúde se apresentou com muito acolhimento e que perceberam a necessidade de os acompanhantes estarem ao lado para ajudá-las nesse momento.

As participantes desejaram que os bebês nascessem no serviço onde estavam, por valorizarem a assistência competente dos profissionais. Referiram que a lei do acompanhante existe e, por isso, a equipe os acolheu. Por outro lado, se não fosse a lei, pensaram que talvez a equipe não os acolhesse tão bem. Algumas participantes lembraram-se de que, nos partos anteriores, os acompanhantes não puderam entrar e acompanhá-las.

Cem por cento, equipe maravilhosa. Faço pré-natal na minha cidade e falei que gostaria de ganhar o meu 'neném' aqui (P3).

[...] reagiu muito bem, porque mãe é a melhor pessoa para acompanhar nessa hora porque me tranquiliza e foi isso que os levou a entender que minha mãe tinha que ficar junto também (P4).

Ah, eles deixaram, graças a Deus, meu esposo entrar aqui. Para poder estar me apoiando e ajudando na hora do parto, pós-parto. Antigamente, não era liberado, mas agora eles sabem como ele me ajuda, ajuda a equipe também (P5, P6, P8, P2).

Antes do nascimento, não vou culpar a equipe, mas a gente ficou muito largado. Eu passei três dias esperando leito. Às vezes, não é culpa do enfermeiro, médico, às vezes, é o hospital mesmo. Aí, depois fui para o leito, já estava muito bem (P7).

Permitem porque foi uma lei, porque senão, eles não permitiriam. Está todo mundo ali no trabalho deles, fazendo a cirurgia, acho que, não sei, eles não gostam (P1).

Busca de informações sobre o direito do acompanhante

Algumas mulheres tinham interesse de se informar sobre o direito de ter o acompanhante, gostavam de fazer leituras e buscar informações pela internet. Outras desconheciam sobre o direito de terem um acompanhante no ciclo grávido puerperal. As participantes informaram, ainda, que receberam orientações durante o pré-natal ou na internação. Outras referiram conhecimento do direito ao acompanhante por experiências anteriores.

[...] soube na internet. E, no pré-natal, há umas 'plaquinhas' avisando que a gente tem direito ao acompanhante. Porque na época do meu menino, como faz muito tempo que tive ele, não tinha (P1, P2, P3, P8).

Através do grupo das orientações no alto-risco (P5).

Ninguém veio me informar que podia ficar alguém. [...] mas, antes, fui atrás, procurei saber quem podia ficar ou não. Falei com uma das enfermeiras aqui no hospital. [...]falaram que podia e fiquei contente, ainda mais sendo o esposo, porque normalmente é uma mulher que fica (P4,P6,P7).

Despreparo para o parto

A maioria das participantes não participaram de curso de preparação para o parto durante o pré-natal. Apenas uma participante referiu que participou, mas o acompanhante dela não. As orientações foram realizadas por enfermeiras.

Não participamos de curso ou grupo de preparação para o parto (P1, P2, P3, P4, P5, P6).

Eu sim, ele não. Foram os enfermeiros (P7).

Não, nem sabia que tinha (P8).

As características sociodemográficas das participantes foram semelhantes aos perfis de outros estudos que buscaram compreender a percepção da puérpera sobre a presença do acompanhante durante o trabalho de parto. A análise evidencia que o cuidado e a atenção, provindos de profissionais de saúde e de acompanhantes, são essenciais para garantir conforto, bem-estar e segurança para mulheres no processo de parturição^{8,9}.

A presença do acompanhante torna-se apoio importante no momento da parturição. A mulher está exposta a ações de violência física, verbal, psicológica, atos de racismo, preconceito institucional e peregrinação nos serviços de saúde para ter acesso à maternidade. Além disso, ações violentas também são direcionadas ao neonato¹⁰.

As participantes, no presente estudo, referiram que durante o pós-parto, sentiam-se sozinhas, inseguras e despreparadas para o autocuidado e cuidado com o bebê, pois relataram passar por um processo de transição para maternidade efetiva. Além dos procedimentos cirúrgicos e anestésicos, as participantes citaram preocupação com o “corte cirúrgico”, o qual lhes causa limitação física, dor e desconforto.

O processo do parto é intenso para as mulheres, é necessário o apoio de alguém de confiança que possa compartilhar esse momento com segurança. Esse apoio, proporcionado durante o trabalho de parto, parto e pós-parto, é importante porque vivenciá-los sozinha ou com pessoas desconhecidas, em ambiente desconhecido, pode causar-lhe angústias e medos¹¹.

Estudo constatou que a presença do acompanhante durante todo período de internação da mulher no processo de parturição traz benefícios significativos para ela, o filho e o próprio acompanhante. As sensações de segurança, força, tranquilidade e de se sentir mais amada pelo companheiro foram sentimentos presentes nas falas¹².

O nascimento de um filho possui diversos significados para o homem e a mulher. Compartilhar essa experiência trará ao casal o fortalecimento da relação¹³. A presença do acompanhante no momento parturitivo é fundamental, pois, nesta fase, inicia-se um novo ciclo na vida, tornando-se essencial o apoio de alguém de confiança.

A presença do acompanhante durante a internação também ameniza a tensão no processo de hospitalização¹⁴. Durante o trabalho de parto e parto, é primordial que esse acompanhante participe de maneira ativa, para que possa transmitir confiança, tranquilidade e ajudar nas tomadas de decisões.

Algumas vezes, no entanto, os pais não realizam as atividades pertinentes ao parto e permanecem em silêncio. Ainda assim, esse processo permite para alguns serena oportunidade para parentalidade e evita intervenções medicamentosas para acelerar a evolução clínica do parto. A equipe de enfermagem, portanto, deve promover a presença do pai como acompanhante na sala de parto, esclarecendo como estes poderão ajudar de forma ativa no nascimento do filho e como a presença deste beneficiaria todo o processo de parto, fato destacado como positivo pelas participantes do estudo¹³.

Neste estudo, com relação à escolha do acompanhante, das oito entrevistadas, cinco escolheram o pai da criança; uma, a mãe; uma, a tia; e outra, a cunhada. O processo de parturição é construído de acordo com o contexto em que cada mulher está inserida, a escolha do acompanhante é uma decisão pessoal, pois envolve questões sociais, culturais, familiares e, principalmente, emocionais¹⁰. Algumas mulheres escolhem os companheiros para vivenciar este momento com elas, pois acreditam que esta seja etapa que deve ser vivida pelos pais do bebê, ressignificando o valor de família, do casal e de toda a estrutura familiar.

Estudos evidenciam que mulheres que recebem apoio frequente durante o processo parturitivo, quando comparadas às que não tiveram um acompanhante presente, apresentam menor chance de ser submetidas à cesariana e fazer uso de métodos farmacológicos; o tempo de trabalho de parto pode ser reduzido; há maior contentamento com a experiência do processo de parto e nascimento, além de evidências de que os recém-nascidos apresentem melhores índices de Apgar nos primeiros cinco minutos de vida^{15,16}.

Compreende-se, baseado nos relatos deste estudo, que as participantes tiveram expectativas supridas pelos acompanhantes, já que ofereceram suporte físico e emocional a elas, durante o trabalho de parto, parto e pós-parto. A presença de um acompanhante proporciona à mulher, no momento do parto, sensação de conforto, reduzindo inseguranças, medos e angústias. Esta presença também favorece a comunicação entre a paciente e o profissional que está prestando cuidados, reafirmando a segurança da mulher¹⁷.

O acompanhante representa apoio fundamental para o vínculo entre o binômio mãe-bebê, facilitando o parto humanizado. A presença deste é essencial como figura de confiança e oportuniza tomada de decisões direcionadas para qualificação de indicadores de melhorias assistenciais^{4,18,19}.

O parto humanizado não visa apenas práticas apropriadas, mas, também, a dignidade da mulher, de familiares e filho. Pressupõe estratégias, como o contato pele-a-pele do binômio mãe-bebê, logo após o nascimento, o que ajuda a estabelecer vínculo entre os pares e valoriza processos fisiológicos maternos, como a dequitação da placenta, diminuição dos lóquios, estimulação da

produção de leite e amamentação. Ademais, favorece a adaptação do recém-nascido à vida extrauterina²⁰. Todavia, é necessário enfatizar que algumas crianças nascem saudáveis e sofrem a separação de mães sem justificativa, por atitudes dos profissionais que as assistem, negando-lhes a atenção integral e humanizada.

Os profissionais de saúde devem atuar de modo a facilitar a transição dessa mulher durante o período de estadia na maternidade. É importante que acolham os acompanhantes de forma positiva⁵. Entretanto, alguns acompanhantes não são recebidos satisfatoriamente pelos profissionais. A compreensão dos profissionais da necessidade do acompanhante, durante o trabalho de parto, parto e pós-parto, é fundamental. Fortalece o elo familiar que deve ser iniciado no pré-natal, no nascimento e estendido ao período puerperal²¹.

Outro estudo estimou a prevalência e os fatores associados à violência institucional contra a mulher durante o parto referida pelo acompanhante. A maioria dos entrevistados era do sexo masculino, autodeclarados de cor/raça branca; com idade média de 30 anos; tempo de 10 anos de estudo em média, casados/união consensual; companheiro e pai do bebê, que permaneceram ao lado da parturiente, sem experiência anterior em acompanhar parto. Além disso, a maioria dos entrevistados não havia participado de curso de parto nem de palestras sobre gestação e parto. Os resultados desse estudo mostram que a presença do acompanhante não impede a ocorrência da violência institucional e apontam para necessidade de mudanças macroestruturais, que garantam o atendimento livre de violências, com respeito ao protagonismo e aos direitos da mulher²².

A presença do acompanhante encontra-se respaldada na Lei nº 1.459, de 24 de junho de 2011. Há também movimentos sociais diversos que apoiam o direito do acompanhante durante o processo parturitivo²³. A campanha organizada pela Rede de Humanização do Parto e Nascimento (REHUNA) defende o direito ao acompanhante de livre escolha da mulher. Apesar de a presença do acompanhante ter se tornado um direito constitucional incluso na política de saúde da Rede Cegonha (atenção obstétrica e neonatal), o contexto da implantação é pouco conhecido²³.

O parto é uma transição na maternidade, pois proporciona o reconhecimento entre mãe e filho, reafirmando o fortalecimento do vínculo afetivo²⁴. Desta forma, algumas mulheres escolhem os companheiros para vivenciar este momento com elas, pois acreditam que esta seja uma etapa que deve ser vivida pelos pais dos bebês, ressignificando o valor de família, do casal e da estrutura familiar.

Em outro estudo, a presença do acompanhante ajudou de forma positiva durante o trabalho de parto, colaborando para superação e fortalecimento da mulher. As participantes declararam sentirem-se mais seguras e confiantes, e o parceiro foi o preferido durante o parto²⁵.

Algumas gestantes e/ou parturientes optam por acompanhantes do mesmo sexo, para que possam ajudá-las durante o processo parturitivo por afinidade e, também, para apoiá-las durante os cuidados dessa vivência. Entretanto, não se deve descartar a relevância do pai nos cuidados e no vínculo afetivo para com a mãe e o bebê²⁶.

A escolha pelo companheiro acontece porque este ajuda a desenvolver vínculos, aprecia a parturiente, o que também pode favorecer a relação, já que se sente importante com a própria presença²⁷.

As pacientes não questionam profissionais com relação a procedimentos realizados. Essas questões estão ligadas, em maioria, a informações sobre o parto e o corpo, por medo de os profissionais de saúde realizarem procedimentos que são desrespeitosos. Para reafirmação do direito à opinião e à voz ativa da gestante, o enfermeiro pode utilizar o Plano de Parto (PP), que consiste em documento, em que a mulher expõe as vontades e desejos particulares. Assim, os profissionais atuantes na maternidade deverão seguir as orientações do referido documento e, caso ocorra algum imprevisto, que ela seja informada com antecedência²¹.

O PP é uma estratégia para promover o envolvimento da mulher na preparação para e no Trabalho de Parto (TP) e expressar as expectativas e os desejos delas, relacionados com o decurso do procedimento. É essencial que seja alvo de reflexões pela mulher/casal, de modo a promover decisões responsáveis e informadas²⁸.

Apesar de as diretrizes da Organização Mundial da Saúde (OMS) enfatizarem boas práticas de atenção ao parto e nascimento comprovadas empiricamente e afirmarem que o parto é um evento natural, que não precisa de controle, mas de cuidados, o modelo de atenção ao parto no Brasil é, ainda, tecnocrático, centrado no médico¹⁷. Com o uso de tecnologias aplicadas ao parto, o Ministério da Saúde traz recomendações à assistência ao parto normal, para que os profissionais e instituições que prestam assistência ao parto sejam respeitosos, dignos com a parturiente, recém-nascidos e familiares, com mudanças de paradigmas, protocolos e atitudes que proporcionam trabalho de parto normal saudável, ativo e humanizado.

No presente estudo, as participantes sentiram-se acolhidas pela equipe de saúde, demonstrando satisfação com os cuidados prestados. Em contrapartida, para algumas mulheres, a experiência com os profissionais de saúde não foi satisfatória, em alguns momentos relacionados ao pré-nascimento. Para elas, a obrigatoriedade da Lei do acompanhante é o motivo para que os profissionais de saúde aceitem os acompanhantes dentro das maternidades, causando descontentamento e, muitas vezes, assistência deficiente.

A presença do acompanhante, principalmente a do pai, algumas vezes não é bem-vista dentro das maternidades, ficando à disposição dos profissionais de saúde as tomadas de decisões, pois a

ideia de poder sobre o corpo da mulher e o parto já são estabelecidas⁵. Entretanto, o papel do acompanhante é fundamental para o suporte emocional das parturientes. Com a presença deste, a mulher pode ficar mais tranquila, menos ansiosa e encontrar suporte/forças para conduzir o trabalho de parto e o parto com mais naturalidade. Desta forma, a presença do acompanhante é uma forma de apoiar a mulher grávida, aliviar desconfortos durante o processo parturitivo e garantir a segurança da mãe e do bebê. É também marco benéfico entre a gestante e a pessoa escolhida para acompanhá-la.

Em muitas instituições, as gestantes não possuem esses direitos assegurados, ficando sozinhas. A presença do acompanhante é alvo de críticas e dúvidas por alguns membros da equipe de saúde, porque não sabem o quanto esse contribui ou dificulta os cuidados prestados às mulheres, no decorrer do processo parturitivo²⁹.

Alguns profissionais de saúde impõem restrições ao acompanhante no decurso do parto. Esse ato pode ser considerado violência institucional, pois viola os direitos das pacientes e, conseqüentemente, a lei¹⁵. É de grande importância para essas mulheres sentirem-se acolhidas, incluindo, também, familiares, acompanhantes e filhos, por fazerem parte do contexto em que está inserida e da transição pela qual está passando. É fundamental que os profissionais de saúde sejam acolhedores e compreendam esse momento, sendo solícitos e empáticos.

Estudo constata que os acompanhantes se sentem corresponsáveis pela melhor permanência da mulher no hospital, destacando a importância pelo apoio emocional por ajuda em atividades práticas. Em relação ao parto humanizado, a maioria das puérperas e acompanhantes nunca tinham ouvido falar ou não sabiam o significado do termo, mesmo tendo vivenciado técnicas não farmacológicas de alívio da dor, como as recomendadas pelo Ministério da Saúde¹².

Os serviços de pré-natal têm papel de extrema relevância, no que se diz respeito à redução de riscos, prevenção de doenças e promoção da saúde da mulher e da criança³⁰. No Brasil, a assistência ao pré-natal possui cobertura universal³¹. Entretanto, ainda se perpetuam desigualdades referentes ao cuidado adequado e integral, os quais podem reverter indicadores perinatais depreciativos. Com relação à assistência, tem havido maior inadequação no atendimento de mulheres adolescentes, negras, de menor escolaridade, baixa classe econômica, múltiparas, sem companheiro, sem trabalho remunerado e que residem nas Regiões Norte e Nordeste.

Embora os avanços na assistência obstétrica proporcionem melhorias e alcance da satisfação na assistência recebida, revela-se a necessidade de qualificação da assistência ao parto. A violação dos direitos e da dignidade da parturiente evidenciam a complexa relação entre as características do sistema de saúde, as práticas e posturas profissionais sobre a experiência no parto^{13,32}.

Ressalta-se que o início da pandemia, provocada pela Covid-19, interrompeu a coleta de dados, fato que limitou a participação de outras mulheres no estudo.

CONCLUSÃO

A presença do acompanhante no momento do trabalho de parto, parto e pós-parto revelou-se fundamental para o asseguramento do apoio físico, emocional, conforto, bem-estar, segurança, tranquilidade e fortalecimento da relação familiar para mulheres no processo de parturição.

Este estudo permitiu compreender que a presença do acompanhante e o cuidado deste à parturiente são essenciais para favorecer suporte emocional e físico, acarretar sentimentos positivos para mulher e contribuir para humanização do parto e nascimento. O enfermeiro necessita valorizar e acolher as demandas e os sentimentos dessas mulheres, oportunizar um plano de cuidados centrado nas necessidades individuais de cada gestante e parturiente, prestando-lhe, assim, assistência integral.

É necessário, portanto, aperfeiçoar as estratégias de orientação às mulheres grávidas e familiares acerca dos direitos humanos das mulheres na assistência ao parto, excepcionalmente em relação ao parto, incluindo o direito ao acompanhante da escolha da mulher no processo parturitivo. As estratégias devem ser aplicadas pela equipe multidisciplinar envolvida no cuidado materno-infantil. A ampliação dessa informação e o reconhecimento desse direito por parte dos profissionais e das instituições de saúde são essenciais para melhoria da qualidade da assistência e consolidação da humanização da atenção ao parto e nascimento no país.

CONTRIBUIÇÕES

Os autores contribuíram igualmente na concepção do projeto de pesquisa, coleta, análise e discussão dos dados, bem como na redação e revisão crítica do conteúdo, com contribuição intelectual, e aprovação da versão final do estudo.

CONFLITO DE INTERESSES

Nada a declarar.

REFERÊNCIAS

1. Kappaun A, Costa MMM. A institucionalização do parto e suas contribuições na violência obstétrica. Rev Paradigma [internet]. 2020 [cited 2022 Feb 12]; 29(1): 71-86. Available from: <https://revistas.unaerp.br/paradigma/article/view/1446/1544>
2. Zanardo GLP, Calderón M, Nadal, AHR, Habigzang, L. F. Violência obstétrica no Brasil: uma revisão narrativa. Psicol. Soc. [Internet]. 2017 [cited 2022 Feb 12]; 29:e155043. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29155043>
3. Carvalho SS, Barbosa SOR, Carvalho LF, Freitas AMC, Silva CS, Matos DO et al. Vivência do acompanhante da parturiente em processo de parto. Rev de Enf UFPE online. 2018 [cited 2022 Feb 12]; 12(3):626-634. DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v12i3a230979p626-634-2018>

4. Junges CF, Brüggemann OM, Knobel R, Cost R et al. Support actions undertaken for the Woman by companions in public maternity hospitals. *Rev Latino-Am Enferm*. 2018 [cited 2022 Feb12]; 26:e2994. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1518-8345.2251.2994>
5. Gomes IEM, Padoin SMM, Paula CC, Langendorf TF, Gomes CA, Ribeiro AC. Benefits of the presence of a companion during the process of labor and delivery: integrative review. *Rev. Enferm. UFSM*. 2019 [cited 2022 Feb12]; 9(61):1-18. DOI: <http://dx.doi.org/10.5902/2179769234170>
6. Minayo MCS. O desafio da pesquisa social. In: Minayo MCS, organizadora. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2016. p.9-28.
7. Amatuzzi MM. Pesquisa fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. *Est Psicol(Campinas)*.2009 [cited 2022 Jun 10]; 26(1):93-100. Available from: https://itgt.com.br/wp-content/uploads/2018/02/Texto-3-Amatuzzi_Pesquisa-fenomenol%C3%B3gica-em-Psicologia.pdf
8. Santos ALS, Oliveira ARS, Amorim T, Silva UL. O acompanhante no trabalho de parto sob a perspectiva da puérpera. *Rev Enferm da UFSM*. 2015 [cited 2022 Jan 12]; 5(3):531-540. DOI: <http://dx.doi.org/10.5902/2179769217337>
9. Batista BD, Bruggemann OM, Junges CF, Velho MB, Costa R. Fatores associados à satisfação do acompanhante com o cuidado prestado à parturiente. *Cogitare Enferm*. 2017 [cited 2021 Jan 12]; 22(3):e51355. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v22i3.51355>
10. Amaral KP, Ribeiro JP. Neonatal and obstetric violence and their quaternary prevention interfaces: an integrative review. *Saúde(Santa Maria)*. 2021 [cited 2022 Feb 12]; 47(1):e48297. DOI: <http://dx.doi.org/10.5902/223658344829>
11. Holanda SM, Castro RCMB, Aquin PS, Pinheiro AKB, Lopes LG, Martins ES. Influence of the partner's participation in the prenatal care: satisfaction of primiparous women regarding the support in labor. *Texto Contexto Enferm*. 2018 [cited 2022 Jan 15]; 27(2):e3800016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-070720180003800016>
12. Ferreira KA, Madeira LMO significado do acompanhante na assistência ao parto para a mulher e familiares. *Enferm Obst* [internet]. 2016 [cited 2022 Jan 15]; 3(1):e29. DOI: <http://www.enfo.com.br/ojs/index.php/EnfObst/article/view/29>
13. Oliveira PC, Ferreira MCV, Barbosa DFR, Cerqueira JCO, Verçosa RCM, Santana KGS et al. The benefits of the father's presence in child birth and child birth work. *Braz J*. 2022 [cited 2022 Feb 12]; 7(2):18142-59. DOI: <https://dx.doi.org/10.34117/bjdv7n2-450>
14. Santos JA. Percepção do acompanhante quanto ao seu acolhimento durante o parto. *Rev de Enferm UFPE online*. 2018 [cited 2022 April 20]; 12(10):2535-45. DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v12i10a235934p2535-2545-2018>.
15. Souza SRR. K, Gualda DMRA experiência da mulher e de seu acompanhante no parto em uma maternidade pública. *Texto Contexto Enferm*. 2016 [cited 2022 April 20]; 25(1):e4080014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-0707201600004080014>
16. BRASIL. Ministério da Saúde. *Cadernos Humaniza SUS: humanização do parto e do nascimento*. [internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2014 [cited 2022 April 10]. Available from: https://www.redehumanizasus.net/sites/default/files/caderno_humanizasus_v4_humanizacao_parto.pdf.
17. Dias EG, Ferreira ARM, Martins AMC, Nunes MMJ, Alves JCS. Eficiência de métodos não farmacológicos para alívio da dor no trabalho de parto normal. *Enferm em Foco*. 2018 [cited 2022 April 18]; 9(2):35-9. DOI: <https://recien.com.br/index.php/Recien/article/view/379>
18. Dulfe PAM, Lima DVM, Alves VH, Rodrigues DP, Barcellos JG, Cherem EO. Presence of a companion of the woman's choice in the process of parturition: repercussions on obstetric care. *Cogitare Enferm*. 2016 [cited 2022 April 20]; 21(4):1-8. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v21i4.37651>
19. Anjos AM, Gouveia HG. Presence of a companion during the process of labor and child birth: analysis of practice. *Rev Enferm UERJ*. 2019 [cited 2022 Feb 12]; 27:e38686. DOI: <https://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2019.38686>
20. Manzo BF, Costa ACL, Silva MD, Jardim DMB, Costa LO. Inevitable mother-baby separation in them mediate post partum from a maternal perspective. *Rev Bras de Saúde Mater Infant*. 2018 [cited 2022 April 20]; 18(3):501-7. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-93042018000300004>.
21. Medeiros RMK, Figueiredo G, Correa ÁCP, Barbieri M. Repercussions of using the birth plan in the parturition process. *Rev Gaúcha Enferm*. 2019 [cited 2022 Jan 15]; 40:e20180233. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2019.20180233>
22. Marrero L, Brüggemann OM, Costa R, Junges CF, Scheneck CA. Institutional violence reported by birth companions in public maternit y hospitals. *Acta Paulista de Enferm*, 2020 [cited 2022 Jan 12]; 33:1-9. DOI: <http://dx.doi.org/10.37689/actaape/2020ao02202>
23. Brasil. Ministério da Saúde. Portaria nº 1.459, de 24 de junho de 2011. Institui, no âmbito do Sistema Único de Saúde, SUS, a Rede Cegonha [internet]. *Diário oficial da União*. Brasília(DF); 27

jun 2011; Seção 1;109.[cited 2022 April 20]. Available from: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt1459_24_06_2011.html

24. Oliveira LLF, Trezza MCSF, Melo GC, Santos AAP, Sanches METL, Pinto LMTR. The experiences of comfort and discomfort of woman in labor and child birth. Rev de Enferm UERJ. 2017 [cited 2022 April 19]; 25:e14203. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2017.14203>

25. Souza TA, Mattos DV, Matão MEL, Martins CA. Sentimentos vivenciados por parturientes em razão da inserção do acompanhante no processo parturitivo. Rev Enferm UFPE on-line. 2016 [cited 2022 Jan 12]; 10(10):4735-40. DOI: <http://dx.doi.org/10.5205/reuol.8200-71830-3-SM.1006sup201604>

26. Vandrúscolo CT, Kruel CS. Livre escolha da parturiente pela acompanhante e seus entraves: desafios para a humanização da assistência ao parto e nascimento. Barbarói. 2017 [cited 2022 April 30]; O(49):52-70. DOI: <http://dx.doi.org/10.17058/barbaroi.v0i49.7489>.

27. Anjos AM, Gouveia HG. Presence of a companion during the process of labor and child birth: analysis of practice. Rev Enferm UERJ. 2019 [cited 2022 April 22]; 27:e38686. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2019.38686>.

28. Ordem dos enfermeiros. Colégio da Especialidade de Saúde Materna e Obstétrica. Informação/recomendações à grávida/casal sobre o local do parto, tipo de parto e nascimento dos seus filhos.[internet]. Lisboa: Ordem dos Enfermeiros; 2012 [cited 2022 Jan 15]. Available from: https://www.ordemenfermeiros.pt/arquivo/colegios/Documents/Recomendacao_1_2012_MCEESMO.pdf.

29. Garcia ÉM, Martinelli KG, Gama SGN, Oliveira AE, Esposti CDD, Santos Neto ETS. Gestational risk and social inequalities: a possible relationship? Ciênc saúde coletiva. 2019 [cited 2022 Jan 12]; 24(12):4633-42. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-812320182412.31422017>

30. Almeida AF, Brüggemann OM, Costa R, Junges CF. Separation of the Woman and her companion during cesarean section: a violation of their rights. Cogitare Enferm. 2018 [cited 2022 Jan 12]; 23(2):e53108. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v23i>

31. Santos LF, Brito SS, Mutti CF, Santos NSS, Evangelista DR, Pacheco LR. Características do pré-natal na perspectiva de mulheres atendidas em unidade de atenção primária à saúde. Rev Enferm UFPE online. 2018 [cited 2022 Jan 12]; 12(2):337-44. DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v12i2a230817p337-344-2018>

32. Gonçalves DS, Moura MAV, Pereira ALF, Queiroz ABA, Santos CA, Torquato HDM. Satisfaction and dissatisfaction with normal birth from the care quality attributes standpoint. Rev Enferm UERJ. 2021 [cited 2022 Jan 12]; 29:e59021. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2021.59021>

Correspondência

Fernanda Moerbeck Cardoso Mazzetto
E-mail: fernandamazzetto4@gmail.com

Submissão: 24/11/2021
Aceito: 26/06/2022

Copyright© 2022 Revista de Enfermagem UFPE on line/REUOL.

 Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a Atribuição CC BY 4.0 [Creative Commons Attribution-ShareAlike 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), a qual permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. É recomendada para maximizar a disseminação e uso dos materiais licenciados.